

SALAZAR

DINHEIRO, GASTOS E BENEFÍCIOS

A preços atualizados, tinha 113 mil euros no banco quando morreu, além de prata, ouro, casas e terrenos, que hoje valeriam milhões. Poucado e com salário de €8.450 (preços de hoje), beneficiou de viver 31 anos numa casa oficial.

Recorreu a funcionários e meios públicos para assuntos pessoais, o Estado gastou €1,9 milhões na sua doença e atribuiu-lhe um salário vitalício. Por **Marco Alves**

A 19 de novembro de 1954, Salazar sentou-se para escrever a um amigo, o padre Alberto Carneiro de Mesquita. Tinham sido companheiros em Coimbra e Carneiro de Mesquita já o ajudara várias vezes com dinheiro. Por exemplo, num jornal católico, o *Imparcial*, onde Salazar colaborou, e nas despesas de saúde deste quando partiu uma perna.

Carneiro de Mesquita era homem de posses, por ser oriundo de famílias abastadas, e Salazar escrevia-lhe agora porque queria comprar uma propriedade em Soito, Santa Comba Dão, com quase cinco hectares e uma casa

principal de 174 m², além de “uma miudeza de casas arruinadas, pequenas casas, palheiros, etc.”, que estava à venda por 150 contos [€88.356, a preços de hoje, segundo o conversor do Índice de Preços no Consumidor do INE]. Salazar dizia só ter 20 contos disponíveis [€11.781] e precisava que o amigo lhe emprestasse o resto.

Na exposição do caso, havia algumas curiosidades. Escrevia Salazar: “Como me pareceu caro o preço, pedi a um capitão de reserva, avaliador em Santa Comba [Dão] que medisse as propriedades e as avaliasse.” Não é claro se Salazar pagou a avaliação ou se foi mais um dos casos (veremos outros à frente) em que usou funcionários públicos em fins privados, mas o perito apurou 149 con-

Museu

Intenções de criar uma espécie de “museu Salazar” na sua terra natal acabam sempre fortemente contestadas

AS SUBVENÇÕES VITALÍCIAS A POLÍTICOS FORAM CRIADAS A PENSAR NO CASO DE SALAZAR

tos, o que significava que “se o homem não está feito com os vendedores, a avaliação confere com o preço pedido”. Continuou Salazar: “Segundo lá soube, tem aparecido bastante gente a pretender comprar, mas o mais alto preço oferecido foi de 125 contos.” Um mês depois, Salazar acabaria por comprar a propriedade por 150, ou seja, terá pago um valor superior ao que o mercado estava a oferecer, não terá negociado o preço, nem usado o cargo para obter qualquer desconto.

Em 1960, escreveu a Carneiro de Mesquita para devolver os 130 contos, que tinha vindo a poupar nos anos anteriores, e pedia que lhe calculasse juros, não só do capital, mas também sobre o valor que a propriedade gerara em

ID: 124111816

22-07-2026



Salazar com a sua criação de perus em São Bento. Foi o primeiro chefe do governo português a habitar uma residência oficial

22 JULHO 2026
SÁBADO • www.sabado.pt



ID: 124111816

22-07-2026

legumes e outros produtos. O amigo recusou cobrar juros.

O episódio é típico do homem que liderou Portugal de 1932 a 1968, ano em que caiu de uma cadeira, foi operado e substituído por Marcello Caetano. Pelas suas biografias e papéis pessoais depositados na Torre do Tombo, em Lisboa, está refletida esta personalidade meticulosa de um homem aparentemente remediado, que anotava todas as despesas (roupa, presentes, flores, caridades, refeições, etc.). “Salazar não tinha uma dinâmica de enriquecimento e a sua atitude perante a elite e a sociedade era a da transmissão de valores de austeridade e honestidade”, recorda à **SÁBADO** António Costa Pinto, especializado no estudo de ditaduras do século XX.

Dinheiro e prata

Ainda assim, a ideia de que Salazar nasceu e morreu pobre não é consensual nem pacífica, sendo sobretudo alimentada por ele (ficou célebre a frase “devo à Providência a graça de ser pobre”) e pelos seus imensos amigos, ex-colaboradores e saudosos em livros lançados durante o Estado Novo e já depois em democracia. Por exemplo, Franco Nogueira (embaixador, ministro e amigo), escreveu num dos tomos da biografia *Salazar* (lançados entre 1977 e 1985) que os pais de Salazar “vinham de pobres, e eram pobres (...); a modéstia de viver pesara sempre sobre todos: era uma pobreza de gerações (...); era penosa a existência”.

Filipe Ribeiro de Meneses, em *Salazar – Biografia Política* (2010) fala de “algum exagero” nestas teses. “Possuíam uma pequena quinta, mas acima de tudo António Oliveira [pai de Salazar] trabalhava como feitor numa das várias propriedades da família Perestrelo.



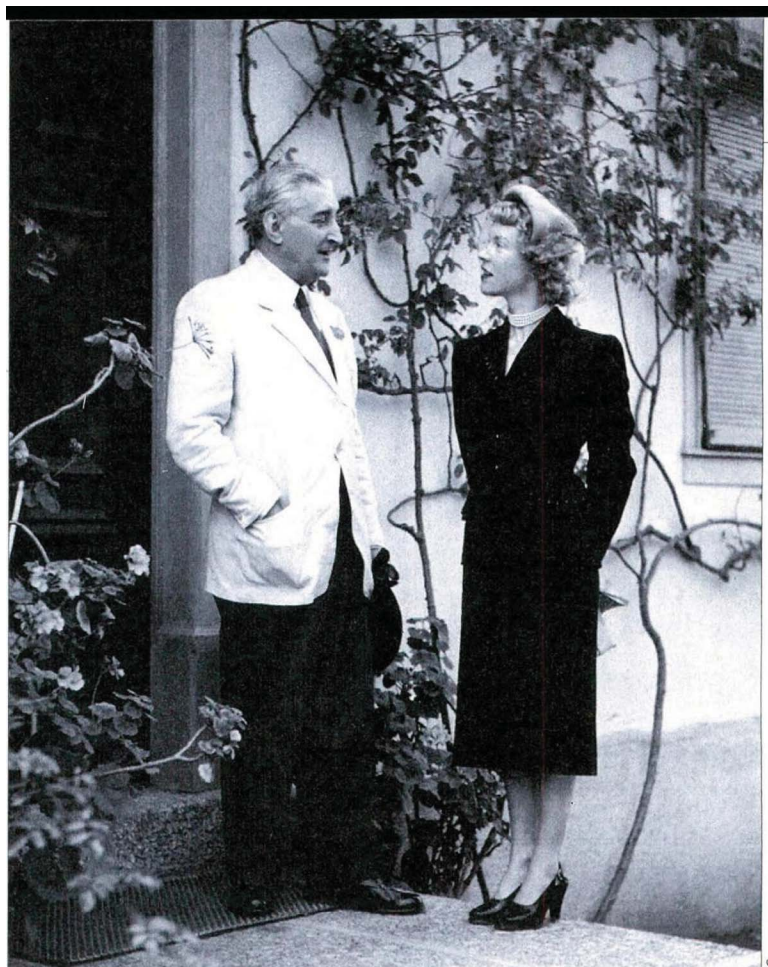
Christine Garnier foi o mais famoso *affair* de Salazar, que até lhe ofereceu um anel (uma rara despesa deste género do ditador)

**O BIÓGRAFO
FILIPE RIBEIRO DE
ME-
NESES DIZ
QUE É “UM
EXAGERO”
A TESE DE
QUE SALA-
ZAR NASCEU
POBRE**

Ofertas

Salazar recebia inúmeros presentes: livros, fruta, flores, champanhes e um longo etc. Ofereceram-lhe um cavalo e um anel de diamantes (que recusou)

**QUANDO
SALAZAR ES-
TAVA DOEN-
TE TERÃO
SIDO FEITOS
VÁRIOS LE-
VANTAMEN-
TOS DA SUA
CONTA**



(...) Algum tempo depois, abriu parte da sua casa como pensão, servindo refeições aos trabalhadores da terra e alugando quartos. (...) Anos mais tarde, assumiu o papel de mediador em transações imobiliárias.” Lembra Ribeiro de Meneses que Salazar “nasceu num ambiente de maior segurança financeira do que as irmãs mais velhas” e que “a família dispunha de suficiente desafogo para permitir aos seus filhos estudarem”, o que naquele tempo era sintomático.

Espólio à venda

Já houve vários leilões de objetos pessoais de Salazar

Em 1999, houve um leilão em Lisboa de centenas de objetos de Salazar, como canetas, fotografias, manuscritos, imagens, **garrafas de vinho** da sua quinta das Ladeiras e até um missal. Já em 1990, tinham sido leiloadas cartas e manuscritos em Londres, tal como em 2002 em Lisboa. Em 2011, foram leiloados livros no Porto.

Depois, a tese da pobreza na hora da morte. Mais uma vez, começando com Franco Nogueira, que relata que a 31 de dezembro de 1969 a conta de Salazar na Caixa Geral de Depósitos tinha o saldo de 274.892\$00 (€100.851, a preços de hoje, sem contar com qualquer valorização de juros). “Creio que durante a doença, e além do vencimento que lhe era diretamente pago pelo Ministério das Finanças, alguns levantamentos terão sido feitos, por cheques que o doente ainda assinara nos primeiros meses de 1970. Quando Salazar morre [julho de 1970], o saldo na Caixa, numa ordem de grandeza aproximada, não deveria exceder os 50.000\$00 [€17.580]”.

Não é referido que levantamentos foram aqueles que terão de pauperado tanto a conta em poucos meses, até porque não era Salazar que pagava os tratamentos (mas o Estado, como veremos), nem estaria sequer na posse de todas as suas faculdades mentais depois da operação – consta que acreditava que ainda era ele que mandava no País.

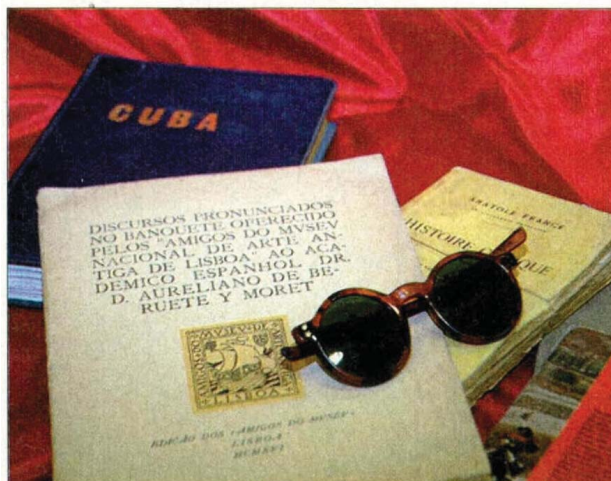
ID: 124111816

22-07-2026

Seja como for, Franco Nogueira não tem certeza do que estava no banco, dando o valor aproximado de 50 contos. Tomemos como referência outra fonte, os ensaios que Fernando de Castro Brandão, historiador e diplomata, escreveu em 2015 no semanário *O Diabo* (que viriam a ser reunidos no livro *Salazar – Faces de um estadista*, 2020), onde citava documentos notariais do processo de partilhas, incluindo duas contas bancárias tituladas por Salazar, ambas na CGD: “A de maior valor, sob o N^o 95.450 na agência do Calhariz no montante de 213.371\$00; a segunda, depositada na rua do Ouro com a quantia de 45.236\$90, perfazendo 321.826\$50.” A preços de hoje, são €113.159.

Segundo nos referiu agora uma fonte familiar, Salazar deixou também 24 objetos de prata, incluindo jarras, serviços, centros de mesa, castiçais, salvas e lavabos, que foi comprando ao longo dos anos e cujos preços anotava em folhas pessoais. Em 1970, os objetos foram avaliados em 57.814\$50 e se se usar o índice do INE e a evolução do preço internacional da prata – aumentou cerca de 23 vezes desde 1970 –, as peças valeriam hoje mais de €467.000 (sem contar com o valor artístico).

À hora da morte, Salazar tinha ainda uma pequena quota na



Ⓐ Pertences do espólio de Salazar: os óculos de sol e livros (incluindo o de discursos)

Ⓒ A câmara de Santa Comba Dão recebeu 2.500 garrafas do vinho de Salazar da quinta das Ladeiras

Coimbra Editora, que Rui Salazar e Melo, sobrinho-neto de Salazar, hoje com 78 anos, disse à **SÁBADO** ser insignificante: “Quando fomos ver quanto é que aquilo valia eram uns 2 escudos.” Depois, havia as casas e terrenos.

Património imobiliário

Presidente do Conselho desde 1932, Oliveira Salazar comprava terrenos na zona de Santa Comba Dão há muito. Ainda segundo Fernando de Castro Brandão, a herança de Salazar continha 14

terrenos (olival, vinha, eucaliptal, pinhal e mato) e várias casas, onde se incluía a de habitação no Vimieiro e “diversas casas contíguas” a esta, além de um “enorme celeiro todo em granito”.

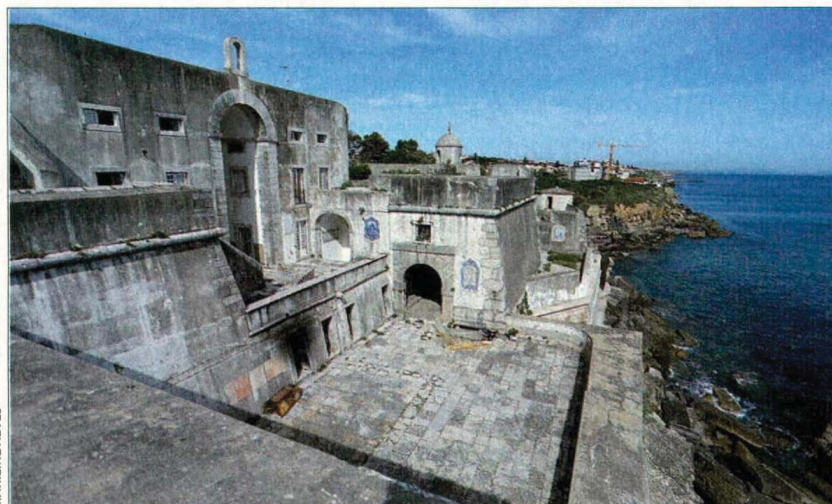
Recorda à **SÁBADO** Rui Salazar e Melo: “O meu tio-avô deixou o recheio da casa do Vimieiro, casas e terrenos, tendo alguns sido expropriados para a construção do IP3, por volta de 1975. Não sei dizer se foi um preço justo, quem tratou disso foi o cabeça de casal da herança na altura.”

Várias propriedades, apurou a **SÁBADO**, estão até hoje ligadas à família. A quinta das Ladeiras, que custou a Salazar 50 contos em 1943 (€30.561 a preços de hoje, tendo como base 1948, ano em que começa o índice do INE) ficou com os Pais de Sousa (Laura, irmã de Salazar, foi casada com Abel Pais de Sousa) e é hoje a Dão Agro, que faz criação de bovinos da raça Charolesa.

A quinta do Soito, referida no início deste artigo, comprada em 1954 por 150 contos, está com outro sobrinho-neto, António Salazar e Melo, irmão de Rui Salazar e Melo (que por sua vez mora hoje noutra casa que era do tio-avô).

Acrescente-se um pormenor: esta quinta no Soito seria para usufruto em vida da governanta Maria de Jesus, como era desejo de Salazar, expresso na carta ao amigo Carneiro de Mesquita. O chefe de Governo lembrava não ter “herdeiros forçados”, dizia-se desgostoso com o desleixo com que as irmãs cuidavam do património (“quanto mais propriedades exploram, com mais dificuldade vivem”) e pensava na vida da governanta depois dele morrer: “Desde o momento que tenha garantida casa, pão, azeite, umas galinhas, uma horta e lenha, deve poder viver.” A ideia era que Maria de Jesus tivesse usufruto em

VÁRIOS GOVERNANTES RESOLVERAM-LHE PROBLEMAS NO FORTE DE SANTO ANTÓNIO PARA AS SUAS FÉRIAS



Ⓓ Forte de Santo António, Estoril, onde passava férias e caiu da cadeira

ID: 124111816

22-07-2026

vida dessa propriedade, que depois seria doada à Misericórdia. Não foi o que aconteceu.

Os dois irmãos, António e Rui, ficaram também com a própria casa de Salazar no Vimieiro, que hoje é propriedade da câmara de Santa Comba Dão. Rui Salazar e Melo diz à **SÁBADO** que a sua parte (1/3) foi doada em 2006. Segundo apurámos, a outra parte (2/3) foi vendida por António por 180 mil euros à câmara em 2018. O que situa a casa a valer cerca de €270 mil nessa altura (antes do boom imobiliário).

Há muito que Rui Salazar e Melo se queixa que a câmara não cuida desse imóvel. E que há dezenas de caixotes com documentos e objetos de Salazar doados à autarquia que estão esquecidos numa cave, por catalogar e já danificados por inundações e outro tipo de problemas. Lembra que o espólio incluía “cerca de 5 mil fotos, 150 mil documentos, 120 mil livros, 10 mil revistas, 25 mil jornais, 10 mil objetos e 150 mil objetos de colecionismo (moedas, selos, medalhas de ouro)”. Muitos destes objetos têm sido alvo de leilões ao longo dos anos (ver caixa).

Em suma, Salazar não morreu propriamente pobre, para o que contribuíram algumas benesses do Estado e as inerentes ao cargo, além do seu conhecido espírito aforrador e metucioso com as



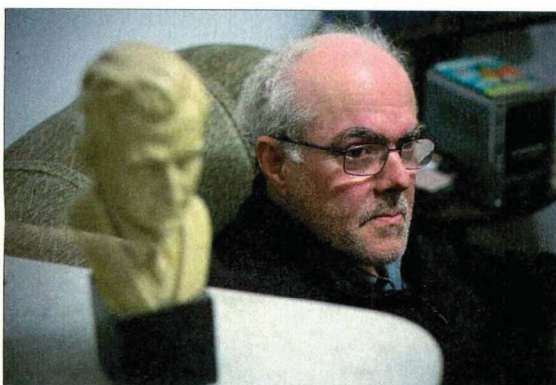
Máquina

Esta máquina fotográfica Rolleiflex com estojo em pele era de Salazar e foi leiloadada em 1999 (valor entre €1.500 e €3.000)

SALAZAR DEIXOU 24 OBJETOS DE PRATA QUE HOJE VALERIAM, NO MÍNIMO, QUASE MEIO MILHÃO DE EUROS



Rui Salazar e Melo, sobrinho-neto, diz que Salazar não deixou testamento



MARILINE ALVES



Fachada degradada da casa no Vimieiro onde nasceu Salazar

Um ditador rural

Salazar quis ter criação nas traseiras de São Bento

Nas obras para a residência oficial, Salazar supervisionou tudo, incluindo a localização de espaços para alojar criados, **galinhas**, pintainhos, estrume, coelhos, ração, ferramentas e lenha. Preocupou-se que houvesse duas entradas, para que os ministros não se cruzassem com criados a levar sacos de carvão.

despesas. Entre centenas de exemplos que se poderiam dar para o atestar, basta referir que quando se mudou para São Bento fez questão de mandar fazer espaços para criação (ver caixa).

Os outros ditadores

Micas, a pupila devota que vivia com Salazar, recordou num livro de 2007 (*Os Meus 35 anos com Salazar*, assinado com Joaquim Vieira), que “em São Bento, as despesas de funcionamento da residência (incluindo telefones) continuavam a ser pagas por ele [Salazar], exceto a conta da eletri-

cidade, debitada à Assembleia Nacional”, e que “todos os gastos eram registados pela Tia Maria [governanta] em livros de merceiro, que apresentava mês a mês ao Senhor Doutor”.

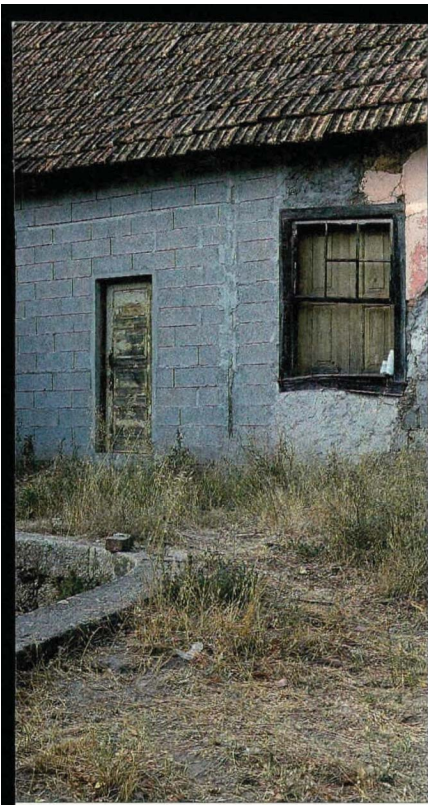
Alegava ainda que “o vencimento do Senhor Doutor era escasso para tantos encargos, desde as despesas em São Bento, que ele teimava em liquidar do seu bolso, até às obras da sua quinta do Vimieiro, onde a construção de muros e tanques de rega parecia não ter fim”. E que Salazar “precisava ainda de ajudar duas das suas quatro irmãs (que eram todas mais velhas), ambas solteiras e sem atividade profissional”.

É verdade (e os papéis pessoais mostram-no) que Salazar gastava bom dinheiro com as suas propriedades rurais (o seu grande vício) e que ajudava as irmãs, mas o retrato de Micas é exagerado, como sempre acontece com estas pessoas próximas de Salazar.

Não foi possível encontrar em tempo útil uma fonte documental onde estivesse expresso o salário de Salazar ao longo do tempo e eventualmente se aumentou quando acumulava pastas ministeriais. Perguntámos a alguns historiadores e Jaime Nogueira Pinto deu-nos uma ajuda, que citou de

ID: 124111816

22-07-2026



memória: “Tenho ideia que nos anos 1960 eram 18 contos. Os ministros ganhavam 15 contos, se não estou em erro.”

Tomemos como referência 1965, daí resultando que, segundo o índice de atualização do INE, Salazar ganharia €8.450 brutos como presidente do Conselho, que é basicamente o mesmo que também hoje ganha o primeiro-ministro. Com a diferença de que Salazar não pagava renda: assim viveu em São Bento de 1939 a 1970.

Se não nasceu nem morreu pobre, Salazar também não enriqueceu propriamente no cargo. Segundo vários historiadores, porque tal não faria sentido para si. “É a sua personalidade que explica isso. Entramos aqui numa dimensão quase psicanalítica: tinha a possibilidade de o fazer, não o faz porque isso não lhe dá prazer”, diz António Costa Pinto, que lembra: “Salazar era solteiro, austero, ascético, com uma vocação clerical. Não viajava, passava as férias no Estoril ou no Vimieiro. Tinha um modelo de autoridade monástica que regulava os seus princípios.”

Ao contrário, por exemplo, do seu vizinho ditador, o espanhol Francisco Franco, cujo mito de ser desapegado do dinheiro foi des-



montado num livro de 2015 (*La otra cara del Caudillo*) do historiador espanhol Ángel Viñas. Joaquim Vieira, que tem várias biografias de Salazar e dos seus próximos (como a governanta e a pupila Micas), lembra à **SÁBADO** que os dois ditadores tinham diferentes origens e corpos de valores. Franco era um militar, Salazar um académico católico que “acreditava numa sociedade baseada em regras, que deviam ser respeitadas”.

“Este um é dos aspetos que mais diferenciam Franco e Salazar”, diz-nos por sua vez António Araújo, historiador e autor de livros sobre o regime e o ditador. “Conta-se até que os ourives e os joalheiros de Madrid tinham uma espécie de ‘bolsa’, para a qual cada um contribuía com uma certa quantia mensal, para o caso de a mulher e a filha de Franco aparecerem num deles, provarem joias caras e, como é óbvio, saírem sem pagar... era uma espécie de abono para falhas. Salazar, pelo contrário, sempre cultivou uma imagem

▲ Em 1967, tinha sete empregadas, que recebiam 350 e 450 escudos (€148 a €190, a preços de hoje)

Médicos

Contou Franco Nogueira que os médicos de Salazar não lhe cobravam, mas ele depois dava-lhes bons presentes no Natal, como travessas de prata

de austeridade e de frugalidade.”

A ideia de que Salazar não enriqueceu no cargo não é sequer uma exceção à sua. “Estaline, por exemplo, tal como Salazar, não enriqueceu no cargo”, lembra António Costa Pinto. “Mao Tsé-Tung também não, mas já era um ditador que se dava a outras coisas, como utilizar as mulheres quase como se fosse um rei da Babilónia, assim como o fazia Mussolini.”

A este propósito, lembra Jaime Nogueira Pinto: “Num livro que escrevi e publiquei há uns anos e que vai agora ser reeditado pela Dom Quixote, *Cinco Homens que Abalaram a Europa*, com as biografias cruzadas de Estaline, Mussolini, Hitler, Salazar e Franco, notei que todos estes homens-fortes, sendo muito diferentes, tinham um denominador comum: não ligavam ao dinheiro nem às coisas que o dinheiro dava. Poderá dizer-se que não precisavam de o fazer, pelo poder que tiveram a partir de certa altura. Franco gostava de caçar, pescar e navegar, mas também era austero. Porém, tinha família, e a mulher, dona Carmen Polo, não seria assim tão austera. Já Salazar era declarada e ativamente contrário a quaisquer benefícios próprios ou para a família. Conheci um sobrinho dele que se me queixava amargamente: ‘Sabe, por causa daquela severidade do meu tio, nunca pude fazer nada como empregário, porque toda a gente sabia que ele não queria negócios com a família.’”

Os meios do Estado ao dispor

Isto não invalida que Salazar não usasse os meios e funcionários públicos para fins privados. Por exemplo, no forte de Santo António, no Estoril, para onde ia de férias desde a década de 1940.

Sollari Allegro, secretário de



▶ o carro emprestado que Salazar usava no Vimieiro, Santa Comba Dão

NUNO ANDRÉ FERREIRA

ID: 124111816

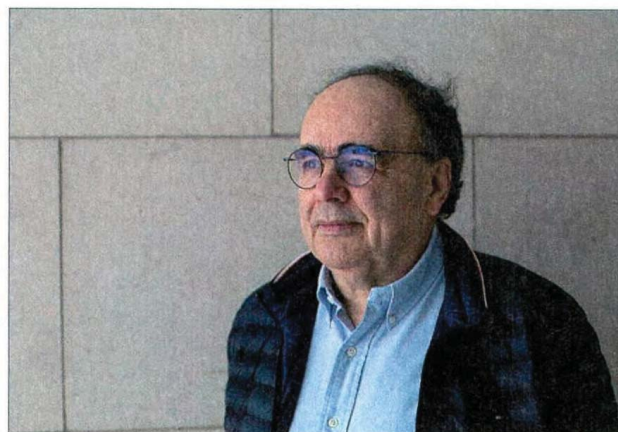
22-07-2026

Salazar entre 1947 e 1960, contou no livro *Salazar Visto pelos Seus Próximos* (Jaime Nogueira Pinto, 1993) que Salazar pagava renda. “Argumentava com o facto de a lei prever que o presidente do Conselho tivesse direito a residir num edifício do Estado, mas não em dois [já morava em São Bento]. O Ministério do Exército não sabia que renda deveria cobrar pela utilização do Forte e foi preciso insistir para que ficasse estabelecido o montante que o Doutor Salazar deveria pagar.”

Mas havia dois senãos, um deles fornecido por António Araújo: “O que ficava por explicar é o que sucederia se um outro particular, ou mesmo governante, pretendesse arrendar um forte na Linha do Estoril para passar férias...” Outro senão está na Torre do Tombo: apesar deste escrúpulo de pagar a renda, no imenso espólio de correspondência particular de Salazar há vários governantes (por exemplo, Fernando dos Santos Costa, ministro da Defesa, Joaquim da Luz Cunha, ministro do Exército, e sobretudo Horácio Viana Rebelo, subsecretário de Estado do Exército) a resolverem-lhe problemas de obras, árvores, fogões, ou instalações elétricas do forte, para que tudo ficasse pronto para as suas férias pessoais.

Esta prática estendia-se a outras esferas da vida privada de Salazar, e que se podem vislumbrar entre as centenas de pastas de correspondência. Em 1966, por exemplo, um acidente de trabalho com um carpinteiro que fraturou três costelas quando pintava uma escada na casa de Salazar no Vimieiro, mobilizou o ministro das Corporações e Previdência Social, José Gonçalves Proença, que fez *démarches* junto do Inspetor-Geral dos Tribunais do Trabalho.

Outro exemplo, de 1956, de Eduardo Arantes de Oliveira, mi-



⬤ Joaquim Vieira diz que “anormal era Salazar viver [antes de S. Bento] em casas alugadas em Lisboa”

MARCELLO CAETANO E O GOVERNO QUE SUCEDEU A SALAZAR DECIDIU PAGAR-LHE AS DESPESAS MÉDICAS

600 escudos

Em 1967, era este o salário que Salazar pagava à governanta. São 253 euros, a preços de hoje, segundo o índice do INE

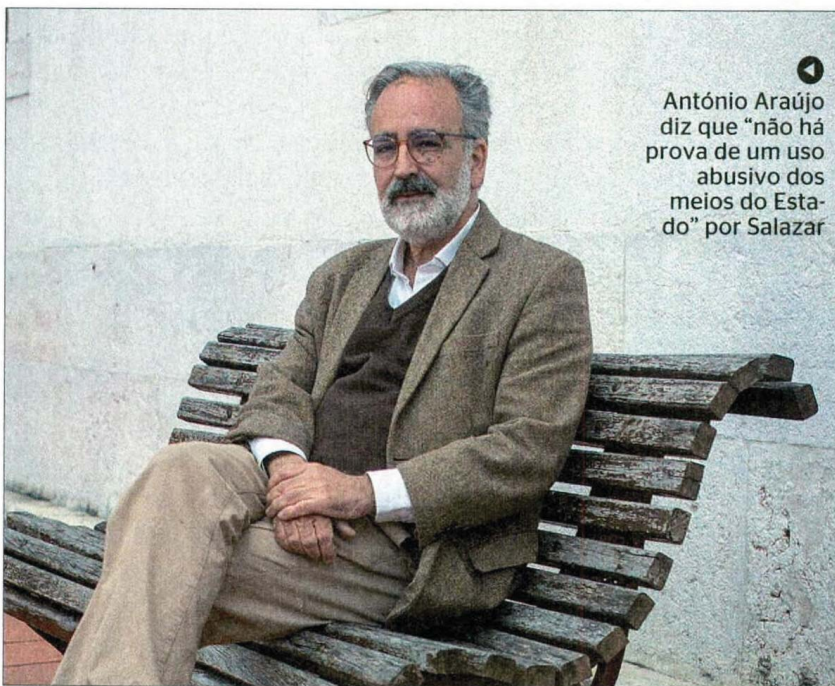
nistro das Obras Públicas, que esclareceu Salazar em carta privada do seguinte: “Estou informado de que é, de facto, a Direção de Estradas de Viseu que deve chamar a si a liquidação do pequeno trabalho feito em casa de Vossa Excelência. Não tem, porém, o Senhor Presidente que se incomodar porquanto o serviço oportunamente tomará a iniciativa de se dirigir a casa de Vossa Excelência, no Vimieiro.” Domingos Victória Pires, secretário de Estado da Agricultura em 1950-58 e 1965-69, tem também várias cartas trocadas com Salazar sobre questões e diligências nas suas propriedades.

Vejam-se ainda as cartas de Carlos Pereira, delegado da Com-

panhia das Águas de Lisboa (atual EPAL). Pareciam ser próximos e Carlos Pereira tratava-o inclusive por “amigo”. Numa das cartas chegou a oferecer a casa que tinha “num dos melhores sítios do Estoril”, além de outra no Cabeço de Montachique, “num sítio muito saudável”, para Salazar descansar. A 14 de dezembro de 1935, escreveu a Salazar para dar conta do problema da fuga de água na casa do presidente do Conselho (na altura na rua Bernardo Lima), situação para a qual mobilizou meios e funcionários da empresa pública.

Até o horticultor paisagista responsável pelo ajardinamento e arborização de São Bento, Jacinto de Matos, passou a vender produtos (roseiras, loureiro, lúcia-limas, etc.) para os terrenos de Salazar em Santa Comba Dão, tendo o governante incumbido o seu secretário em São Bento de pedir catálogos, fazer encomendas e enviar pagamentos – transações que se passavam em 1941-42, no auge da II Guerra Mundial.

Jaime Nogueira Pinto desvaloriza estes casos. “Não me diga que, além de ditador, Salazar também roubava dinheiros públicos! E se

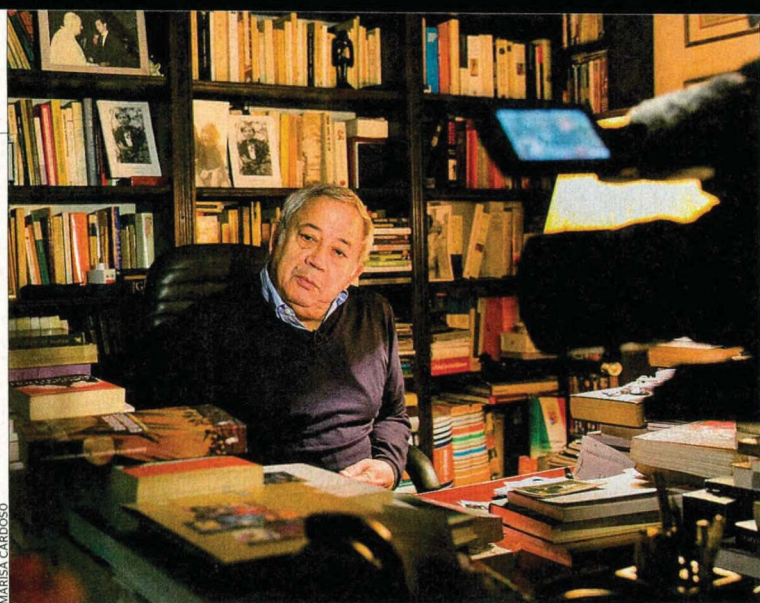


⬤ António Araújo diz que “não há prova de um uso abusivo dos meios do Estado” por Salazar

BRUNO COLAÇO

ID: 124111816

22-07-2026



MARISA CARDOSO

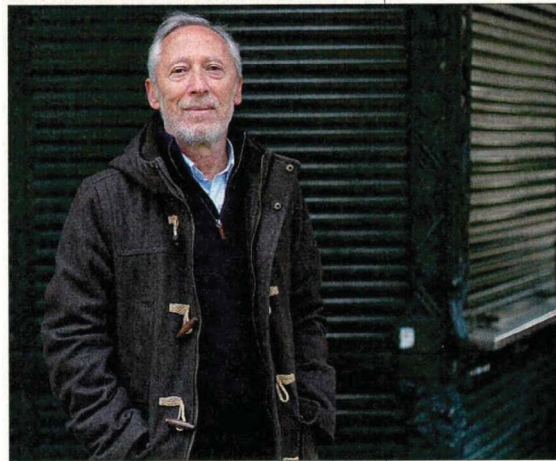


Jaime Nogueira Pinto diz que Salazar foi fundamental no século XX português

usou meios e funcionários do Estado na casa do Vimieiro, usou para quê? É ir ao Vimieiro avaliar o esbanjar de erário público em remodelações e melhorias que para lá vai. Se foi para resolver algum problema burocrático, sendo ele Presidente do Conselho de Ministros, suponho que não faria muito sentido dirigir-se a uma repartição e esperar pela sua vez no *guichet*.” E acrescenta: “Salazar era tão obcecado com a separação de dinheiros públicos e privados que tinha dois telefones na presidência do Conselho, um para as chamadas públicas, outro para as privadas, fora da função, que não seriam muitas. Quanto ao forte de Santo António do Estoril, é difícil pensar em maior simplicidade e sobriedade.”

António Costa Pinto diz que este tipo de práticas “faz parte do dia a dia de uma ditadura, que não tinha escrutínio”. “No caso de Salazar, há um fenómeno interessante, que se consolida com o tempo: a sua vida pessoal confunde-se com a vida do Estado. É uma característica comum das ditaduras, e não tem necessariamente a ver com opulências. Por exemplo, se Hitler gostava de retiros na montanha, construía-se um retiro numa montanha.”

Em 2023, Ana Mehnert Pascoal, na sua tese de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (*Os Palácios da “Representação Nacional” – Identidade e Poder nos edifícios*



VITOR MOTA

do Governo no Estado Novo), recordou o processo de mudança de Salazar para uma residência oficial, que viria a ser um palacete oitocentista junto à Assembleia Nacional, que obrigou à expropriação de terrenos envolventes, “situação que levou alguns proprietários a manifestar, em cartas a Salazar, o desagrado relativamente aos baixos valores de com-



“O ditador pode não ser corrupto, mas tolerar a corrupção. Salazar não escapa a essa regra”, diz António Costa Pinto

“Uma coisa suja”

A governanta jurava que Salazar não gostava de ricos

Maria de Jesus disse a Fernando Dacosta (livro *As Máscaras de Salazar*, 1997): “O senhor doutor dizia que o dinheiro era uma coisa suja, viesse de onde viesse, que estava sempre manchado de sangue, miséria e lágrimas, mas que não podia fazer nada. Ele nem gostava dos ricos!” Na verdade, Salazar foi amigo de vários milionários.

pensação, aquém das necessidades de sustento futuro”. Uma das proprietárias, Maria Sancha Cayres, escreveu a Salazar a 6 de agosto de 1937 para dizer que os terrenos eram a sua “esperança de virem a constituir, pelo produto da sua venda em lotes, o amparo” dos seus seis filhos (cinco menores), que estavam avaliados em três mil contos (€1,8 milhões hoje, tendo como base o ano de 1948), mas o Estado só se propunha a pagar “um valor ínfimo” (não referido na carta).

“As expropriações de imóveis e terrenos por utilidade pública foram usadas de forma bastante abusiva durante o Estado Novo”, diz à **SÁBADO** Ana Mehnert Pascoal, hoje investigadora integrada do ISCTE. “Os preços e as indemnizações eram fixados por arbitragem, da qual faziam parte dois representantes do Estado e um do proprietário – não havendo possibilidade de recurso posterior –, pelo que se pode depreender a vantagem estatal nas negociações e que os valores recebidos pelos expropriados estariam abaixo do adequado”, conclui.

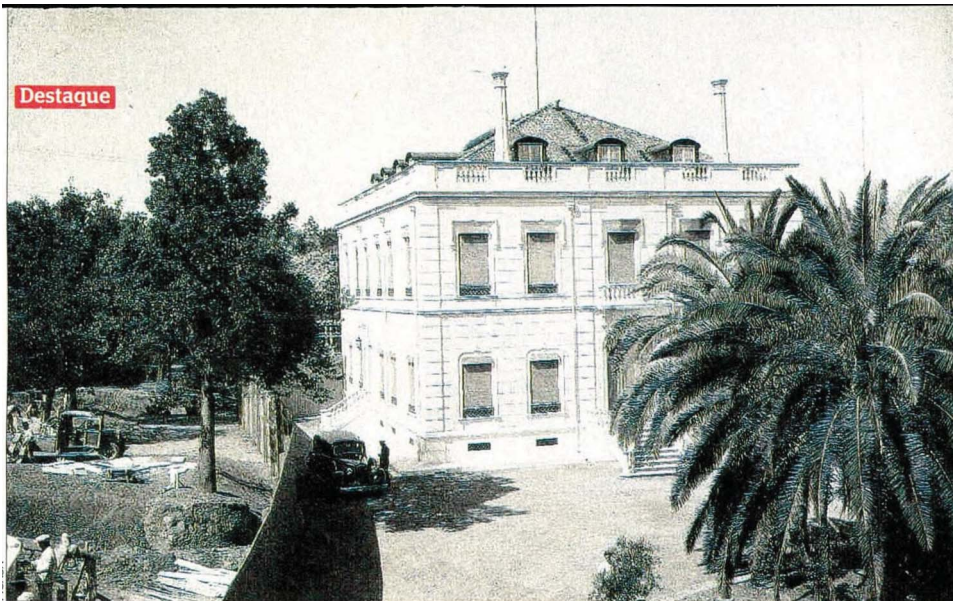
Luxo não sumptuoso

Quanto à adaptação de São Bento para morada de Salazar, diz que “as diretrizes se pautaram pelo uso de materiais nobres (algumas madeiras exóticas, mármore, tecidos adamascados revestindo as paredes, etc.)” e que “os gabinetes de maior destaque e as zonas de receção e reunião precisavam de evidenciar um aspeto ‘luxuoso’, embora sem sumptuosidade excessiva”. Acrescenta que “o valor total dos gastos com as obras de adaptação e decoração deste edifício podem considerar-se avultadas para a época, o que contrastava com a imagem espartana e simples que Salazar procurava di-

“ESTALINE, POR EXEMPLO, TAL COMO SALAZAR, NÃO ENRIQUECEU NO CARGO. MAO TSÉ-TUNG TAMBÉM NÃO”

ID: 124111816

22-07-2026



fundir; o palacete é o oposto da sua casa no Vimieiro, modesta e despojada”.

Seria em São Bento que Salazar morreria, em 1970. Desde outubro de 1968 que não mandava, apesar de continuar instalado no andar superior do palacete (Marcello Caetano, o sucessor, ia e vinha da sua residência privada). Franco Nogueira, que conhecia o meio e os seus protagonistas, conta, em termos quase idílicos, como se resolveu um certo problema: “O novo governo toma consciência de um facto: exonerado e portanto privado do seu vencimento, Salazar está sem dinheiro. De imediato, e se esse fosse o caso, não teria mesmo com que pagar a sua alimentação, para já não entrar em linha de conta com a hospitalização, médicos, enfermagem, medicamentos. Com nobreza, o governo procura correr à dificuldade. Não é viável legislar para um indivíduo. É encontrada uma solução elegante.”

Estado custeou o tratamento

A “solução elegante” seria o que muitos anos mais tarde se tornaria um dos cavalos de batalha retóricos do partido Chega: as subvenções vitalícias a políticos. O governo decretou que quem estivesse em funções mais de 10 anos ininterruptos teria direito a vencimento vitalício (em 1985 passou a ser uma pensão, que acabou em 2005, mas sem efeitos retroativos – ainda há quem a receba).

O despejo

Haveres em São Bento foram mandados tirar

Após a morte, em julho de 1970, Marcello Caetano **deu poucos dias** à governanta de Salazar para retirar os pertences do ditador, que incluíam cómodas, espelhos, sofás, cadeiras, pastas, malas, castiçais, escrivaninhas e armários, além de quatro travesseiros, um edredão e uma almofada.

“Era assim garantido a Oliveira Salazar um mínimo de subsistência”, romantizava Franco Nogueira. E mais, foi “resolvido que o Estado continue a assumir a responsabilidade pelo internamento hospitalar, honorários dos clínicos e



Franco Nogueira diz que Salazar recusava pagar aquecimento em São Bento e usava mantas sobre pernas e ombros

Bomba

O atentado em 1937 motivou a criação de uma residência oficial para o chefe de Governo. Salazar mudou-se em 1939

A DOENÇA DE SALAZAR CUSTOU 5,6 MILHÕES DE ESCUDOS AO ESTADO (€1.969.047, A PREÇOS DE HOJE)



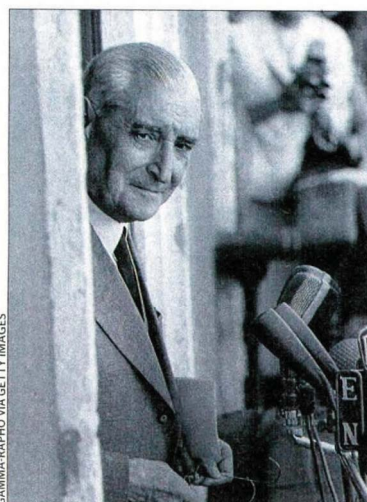
Salazar não deixou descendência e das quatro irmãs apenas uma (Laura) teve filhos

demaís gastos”. Em 2010, José Pedro Castanheira escreveu no *Expresso*, com base no processo clínico no hospital da Cruz Vermelha, que o internamento custou 5,6 milhões de escudos (€1.969.047, a preços de hoje).

Joaquim Vieira recorda com ironia este contexto: “O que se passou depois de Salazar abandonar o poder, continuando a viver na residência oficial até à morte, às custas dos contribuintes, já entrou no domínio do absurdo, mesmo considerando que se continuava em ditadura, com um sucessor, Marcello Caetano, que era outro professor de Direito ainda mais cumpridor dos normativos legais. Penso que se tratou de uma cedência à facção mais extremista do regime (os ultras, que tinham em Salazar o seu ídolo e na chefia do Estado o seu mais importante representante, Américo Tomás). E, para aliviar a consciência, inventou o diploma do salário vitalício.”

Quanto ao internamento, as opiniões convergem. “O Estado português, que Salazar serviu toda a vida, não podia deixar de pagar essas despesas”, defende Jaime Nogueira Pinto. Joaquim Vieira tem mais ou menos a mesma posição: “Pela prática de Salazar enquanto governante, não me parece que ele concordasse com as benesses de que veio a usufruir depois de sair do poder. Em todo o caso, atendendo ao contexto e às condições da época, não me choca que o seu tratamento fosse custeado pelo erário público.”

Já António Costa Pinto, diz que se os tratamentos fossem de pouca monta, “Salazar pagaria, e se fossem dispendiosos, aceitaria que fossem pagos pelo Estado”. Ou seja, “uma coisa é uma perna partida, outra é um cancro – tem tudo a ver com a questão central das ditaduras: a permanência no poder”. ■



GAMMA-RAPHO VIA GETTY IMAGES



O ex-presidente do Conselho a bordo da embarcação Bellatrix, da família Theotónio Pereira, em Alcântara. Foto de 9 de julho de 1944

SALAZAR

DINHEIRO, GASTOS E BENESSES

Não deixou testamento e tinha €113 mil no banco quando morreu. Poucado e com um salário de €8.450 (a preços de hoje), recorria a funcionários e meios públicos para assuntos pessoais. Os muitos segredos da vida financeira do ditador

